

Real em baixa levanta os preços

Empresas avaliam impacto da desvalorização, que pode encarecer produtos em mais de 10%

Marcelo Rehder e Cássia Almeida

SÃO PAULO E RIO

Os empresários já estão revendo suas tabelas de preços com base na desvalorização do real frente ao dólar. As indústrias vão tentar repassar o aumento dos seus custos, mas tudo vai depender do comportamento dos consumidores. Em alguns casos, os aumentos de preços para o consumidor poderão chegar a 12%, como nos videocassetes e nas massas alimentícias, que usam matérias-primas importadas. O percentual de aumento poderá ser maior. As contas consideram a desvalorização de 14,69%, mas pelo valor médio do dólar no fim da semana passada, a queda do real em relação ao dólar chegou a 17,37%.

Enquanto os aumentos da indústria nacional não chegam ao consumidor no varejo, os reajustes nos preços dos importados já chegaram. Cassiana Melo, gerente de uma loja de importados no centro, falava da queda de 20% nas vendas de sexta-feira, enquanto preparava as novas etiquetas de preços. Apesar da desvalorização de 17,37% do real, o reajuste ficou em 5%:

— As vendas caíram 20% ontem (sexta-feira). Hoje (ontem), devem cair mais. Não dá para repassar todo o percentual de desvalorização.

Na Master Price, outra loja de importados, a opção foi reduzir o número de parcelas do financiamento de 12 vezes para seis vezes sem juros. O aumento de 3% não será repassado a todos os produtos, segundo a gerente Luciana Camargo. As vendas em baixa estão limitando o repasse total da desvalorização aos preços dos importados. O mesmo deve acontecer com os produtos nacionais, principalmente se as vendas continuarem em queda.

Na indústria, negócios suspensos

Por enquanto, os negócios na indústria estão suspensos e as empresas só esperam a definição do patamar de câmbio para apresentar novas tabelas.

— Não temos como absorver novos aumentos de custos. Eles serão repassados para o consumidor, apesar da queda nas vendas — diz Abdo Hadade, presidente da Cineral, fabricante de aparelhos eletroeletrônicos.

O setor têxtil já está pedindo ao Governo a redução da alíquota do Imposto de Importação do algodão em pluma, de 8% para zero, para evitar que a desvalorização do real provoque um aumento entre 5% e 6% no preço final das roupas e tecidos. Paulo Skaf, presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), argumenta que a produção nacional de algodão só atende metade da necessidade das indústrias, de 800 mil toneladas por ano.

— Se o Governo zerar a alíquota, boa parte do problema cambial do setor estará resolvido e o produto nacional ganhará mais competitividade em relação aos importados — diz Skaf.

O setor de produtos de higiene limpeza sofrerá um impacto de até 5% nos custos por conta da desvalorização do real. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Produtos de Higiene e Limpeza, Ronald Rodrigues, afirma que o impacto é pequeno e que a decisão de repassar aos preços é de cada uma das empresas. Mas ele aposta que muitas delas absorverão o aumento,



O VENDEDOR JORGE Luís da Silva marca os preços dos produtos em uma loja de importados no centro. Os reajustes ficaram em 5%

pois o consumo está baixo e o setor é muito concorrido.

Na avaliação do presidente da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), Juarez Rizzieri, o Governo terá de deixar o juro alto justamente para manter o consumo desaquecido e inibir aumentos de preços por parte das empresas.

— A redução de juro será muito lenta. Não é aconselhável estimular a demanda interna para que ela não concorra com as exportações e anule o aumento

de preços sofrido pelos produtos importados — diz Rizzieri.

Na opinião do consultor Flávio Nolasco, da MA Consultores Econômicos, todas as empresas que têm concorrentes externas tentarão repassar o aumento de custo aos preços.

— Indústria e comércio vão procurar ganhar mercado, mesmo repassando aos preços metade dessa valorização do dólar, pois ainda assim o produto nacional estará mais competitivo que o importado — afirma Nolasco. ■

Custódio Coimbra

IMPACTO NOS PREÇOS

Produtos	Projeções de aumento
Videocassetes	12%
TV de 20 polegadas	4,5%
TV de 29 polegadas	10%
Aparelhos celulares	9%
Macarrão	12%
Biscoitos	8,8%
Medicamentos	5%
Cervejas	4,4%

FONTES: Empresas e entidades de classe

TRADUZINDO O ECONOMÉS

Bens e insumos dolarizados

• O medo de que o ajuste no câmbio traga de volta a inflação está relacionado ao inevitável aumento no preço dos produtos importados. Qualquer mercadoria comprada fora do país está atrelada à taxa de câmbio. Por isso, eles sofrerão correção imediata.

Além disso, há o impacto indireto no preço das mercadorias feitas com matéria-prima importada. É o caso, por exemplo, dos carros. Muitas montadoras fabricam no Brasil automóveis que contêm peças produzidas no exterior. E isso deve provocar algum reajuste no preço dos veículos.

O grande temor da pauta da importações, no entanto, é o petróleo. Embora a Petrobras venha aumentando sua produção a cada ano, o Brasil ainda não é auto-suficiente no setor. Como os combustíveis oneram os custos de toda a cadeia produtiva, paira o risco de que o encarecimento da gasolina e do diesel contamine os demais preços da economia e despedir o dragão da inflação.

valecer para rever preços. Não temos escolha a não ser repassar o aumento de custo para o consumidor.

Alguns setores prevêem dificuldades para fazer o repasse do aumento de custos. Exemplo disso é o caso dos laboratórios farmacêuticos. Segundo José Eduardo de Mello, presidente da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Abifarma), as matérias-primas importadas têm peso de 35% no custo dos medicamentos. Até agora, o impacto da desvalorização foi de 5%. Como os remédios subiram recentemente, desagradando ao Governo, o setor estuda formas de absorver o aumento.

Preço da cerveja também pode subir

A cerveja também pode ficar mais cara. Cerca de 30% dos custos de produção referem-se a com matéria-prima importada. Isso significa que os preços ao consumidor podem subir até 4,4%. A verdade é que o repasse aos preços será tentado. Só não vai fazer isso quem corre o risco de perder vendas. No caso dos celulares, o repasse ao consumidor poderia chegar a 9%, mas os fabricantes temem perder mercado. ■